

E A BATALHA COMEÇOU: CIGANOS E VIOLÊNCIA NA IMPRENSA CAMPINENSE

Ac. BATISTA, Gilmara Tavares.

Universidade Estadual da Paraíba.

gilmara-eng@hotmail.com

(Orientadora) CIPRIANO, Maria do Socorro

Universidade Estadual da Paraíba.

maria.cipriano@bol.com.br

INTRODUÇÃO

Esta apresentação constitui parte da pesquisa desenvolvida para o Trabalho de Conclusão do Curso de História e propõe refletir sobre a importância que teve a imprensa local para a construção da imagem dos ciganos envolvidos nos violentos conflitos que, praticamente dizimou a família cigana dos Targino Cavalcante na cidade de Campina Grande, na década de 1980 do século XX.

Para além dessas histórias de sangue, de ódio e de vingança, descritas pelos jornais *Diário da Borborema* e *Jornal da Paraíba*, enquanto querelas entre famílias ciganas, a fonte ainda possibilita problematizar sobre as articulações discursivas estabelecidas entre os crimes praticados pelos ciganos e o contexto de violência¹ mais amplo que constituía o Estado paraibano, no período apontado.

Nas páginas policiais desses mesmos jornais de época (*Jornal da Paraíba* e *Diário da Borborema*) merecem destaque, por exemplo, as variantes ações de violência desde as mais comuns decorrentes de uma cidade em desenvolvimento como Campina Grande (roubos, furtos, estupros, etc) com mais “incomuns” (SILVA, 2010.p. 39).

O recorte temporal pretendido é o da década de 1980-1990, considerando a experiência da Paraíba quanto à “recepção” aos grupos ciganos. A preocupação inicial é

¹ Ver *Cidade e Violência: Campina Grande na década de 1980 e a representação do Mão Branca nos jornais*, 2010. Dissertação de mestrado de Luciana Estevam da Silva, que aponta como os grupos de extermínio foram apresentados nos jornais da época. Analisando ainda que Campina Grande, que se queria moderna, trazia nos bastidores cenas sombrias.

mostrar como estes grupos foram vistos pela sociedade, uma vez que somente tiveram maior vizibilidade a partir das páginas policiais.

Pesquisas acerca da etnia cigana no Brasil não são tão recentes, observamos preocupações a cerca do tema desde o século XIX (NOTA sobre essa referência). Nas últimas décadas, antropólogos, historiadores, literatos, sociólogos, geógrafos seguiram no intuito de promover uma História dos Ciganos no Brasil.

No que concerne a historiografia paraibana, escreve-se especialmente sobre os grupos que se fixaram nas regiões de Souza e Patos², mas não há estudos mais aprofundados sobre os grupos que passaram ou moraram em Campina Grande, Soledade, Aparecida, Queimadas, São José da Mata, entre outras localidades na Paraíba.

METODOLOGIA

Para este trabalho foi priorizado as fontes jornalísticas, tendo em vista as numerosas reportagens sobre as famílias de ciganos aqui sedentarizadas e também por que através desta fonte documental foi possível a delimitação de nosso problema, já que são muitas as páginas dos jornais que apontam a existência destes. Mas sem nos enganar com a linguagem simples e corriqueira dos impressos e por entendermos com Michel Foucault que os discursos são interessados, analisaremos o jornal Diário da Borborema e Jornal da Paraíba a partir de lugares de poder construídos pela imprensa da década de 80.

Essa imprensa terá um lugar importante para uma comunidade de leitores ávidos pelas manchetes “sangrentas” que invadira o cotidiano dos paraibanos. Nesse sentido, as imagens sobre os ciganos, que foram elaboradas pela imprensa local não podem ser tomadas aqui enquanto verdades, mas como imagens perpassadas por discursos implicados com o contexto de histórico da cidade, restando perguntar: a quem interessava desenhar os ciganos como assassinos, pistoleiros, desonestos. Sendo os discursos construções de vários autores e atores, tentamos estabelecer ligações das representações destes ciganos com quem construiu estes discursos.

² Ver *Ciganos Calon no sertão da Paraíba: 1993 e 2000*. Frans Moonen faz um estudo acerca dos Ciganos na Paraíba para o Núcleo de Estudos Ciganos em Recife, em 2008. Ver também Goldfarb (2004) *O “tempo de atrás”: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa-PB*, tese de doutorado que também traz a problemática da sedentarização destes grupos em Sousa na Paraíba.

A linguagem jornalística analisada sob a ótica da História Cultural, identificando a partir de Roger Chartier, é percebida como uma questão de como o mundo social é representado e quais os interesses existentes. E na representação das imagens dos ciganos, veiculadas na imprensa, é que estes se tornam os novos atores dessa história.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de que os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 2002. p. 17).

O que se pretende fazer neste trabalho é construir, através das fontes que nos foram possíveis até o momento, uma história sobre os Ciganos na Paraíba, mas não entendendo que só seria possível a partir da busca pelas origens e chegada destes no Estado. A preocupação deste é tentar construir a nossa própria narrativa que enveredam por outros caminhos, especialmente para pensar como os ciganos praticavam as cidades paraibanas entre a década de oitenta.

Nesse sentido teremos a preocupação de estabelecer uma análise histórica sobre esse período que caracteriza parte de uma trajetória dos ciganos na cidade. Enfatizando que esse movimento, foi marcado predominantemente por intolerância, pois escapavam das garras das instituições repressoras e por perseguições, quando acampados em terrenos próximos aos centros urbanos ou mesmo já sedentarizados.

Através da imprensa também é possível perceber como as autoridades tinham dificuldades em capturar os ciganos, já que sempre que uma nova cena de sangue acontecia na cidade, eles saíam de cena. Pretendemos compreender a forma como os discursos, os comportamentos e as atitudes dos diversos atores sociais envolvidos neste processo refletem a existência de tensões na estrutura social campinense. Interessa-nos aqui, com os estudos de Certeau³ sobre o cotidiano, essas formas subterrâneas de convivência, sobretudo com o que é imposto pelos que detém o poder.

³ Ver Certeau (2007), sobre táticas dos praticantes, entendidas também como o movimento que nem sempre é percebido dentro do campo “inimigo”. Nesse sentido, as micro liberdades apontam para uma mobilidade produzida no espaço praticado.

DISCUSSÃO

O termo cigano é genérico, dentro dessa etnia existem subdivisões e, nelas, existem famílias que fazem das tradições uma cultura própria de acordo com o subgrupo ao qual pertencem. No Brasil, existem grupos ciganos, os mais conhecidos são o *Calé* (calon) e os *Romá* (Rons).

Conceituar cigano é bastante complexo, pois parece que estamos diante de um mosaico, tantos são os grupos. Não se pode negar que eles vivem idealizando a unidade, o que, no entanto não é uma aspiração impossível, uma vez que ela já existe do ponto de vista étnico e linguístico (PEREIRA, 2009. p. 44).

Por serem muitos e não terem uma nação própria os ciganos acabam sendo vistos com desconfiança. Despertam uma sensação de insegurança e de receio na população em geral e por isso são frequentes as exposições de suas imagens nos jornais, sobretudo nas páginas policiais, tendo em vista que nem sempre se enquadram na ordem que é imposta. Marcham sob suas próprias leis – que não são escritas, mas transmitidas oralmente e que são aprendidas na própria prática do cotidiano em grupo.

O Jornal Diário da Borborema traz um resumo de alguns crimes em que se envolveram os ciganos na década de 1980

A briga dos ciganos começou no ano de 80. O conflito que envolveu os membros da família Cavalcante Targino teve início no dia 26 de abril de 1980, quando o agropecuarista Cosme Cavalcante Targino, 54 anos, conhecido por “Cigano Clóvis”, foi assassinado [...]. Com este crime que aconteceu em frente a Churrascaria Paulistano, no bairro do Tambor, na Avenida Assis Chateaubriand, gerou-se um desentendimento entre eles culminando com a prisão do agropecuarista, Jose Simão da Silva, o “Dédé Boiadeiro”, radicado em Caraíba dos Nunes, em Alagoas [...]. Antes mesmo que completasse noventa dias após o assassinato do cigano Clovis, pistoleiros invadiram a casa grande da Fazenda Alvorada, localizada no Serrotão, e lá fuzilaram com dezenas de tiros de revólver e espingarda a viúva de Cosme Cavalcante, senhora Antonieta Ribeiro [...]. A autoria foi atribuída ao filho de Antonieta, Germano Cavalcante Targino e a seu sobrinho Nilton Alves Cavalcante Targino, o cigano “Tilico”, filho de “Abilio”. [...] Passados quatro meses e quando ninguém mais imaginava que os ciganos voltariam a provocar novo derramamento de sangue, o cigano George Cavalcante Ribeiro, que estava de bem com seu irmão Germano Cavalcante Ribeiro, pegou-o pelas costas e o fuzilou [...]. No mesmo dia em que George matou seu irmão, seu tio, Francisco Cavalcante Targino, o cigano Miranda, invadia a residência do comerciante Luiz Santos, sogro de George, e o assassinou com vários tiros de revólver calibre 38, fugindo em seguida. [...] No dia, 26 de julho ainda de 1981 quando transitava pela Rua João Suassuna, o agropecuarista Severino Cavalcante Targino, 56 anos conhecido por “Bitó”,

foi fuzilado com um tiro [...]. Desesperado [...] o cigano Miranda tentou a todo custo descobrir o matador do seu irmão, mas desentendeu-se com ciganos de sua família, no mercado público de Patos [...] foi assassinado com vários golpes de facas [...]. A partir de então tudo ficou sob controle até que ontem gerou-se [...] o clima de violência [...] o atentado ao cigano Abílio seu filho e um parente na Avenida Canal (Diário da Borborema, 18 de novembro de 1982. p. 7).

Nesse contexto, existiu uma preocupação por parte da polícia, enquanto agente de controle social, em manter a cidade livre de problemas relativos à criminalidade e violência, passando a montar esquemas de procura a ladrões, desordeiros, pistoleiros, com objetivos de manter a ordem pública.

Dessa forma, por um lado, os discursos e as representações construídas sobre os ciganos através dos jornais refletiram a desconfiança e a vontade de manter a ordem na cidade moderna, por outro, explicitam os problemas enfrentados pelas autoridades face a locomoção dos ciganos e as dificuldades para a operacionalização das medidas repressoras por parte da polícia local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a partir da imprensa é possível investigar como os ciganos foram vistos em sua trajetória por Campina Grande e outras localidades no estado da Paraíba, assim como perceber como eles foram descritos em suas redes e códigos de sociabilidade, tanto no que se refere às relações entre os próprios ciganos, como com os não ciganos, não perdendo o foco de relacionar estas questões com um contexto de violência mais amplo.

Entendemos que os dramas narrados pelos jornais, em que foram expostas as vidas dos ciganos que moravam em Campina Grande e arredores, garantiram o entretenimento e as audiências, através do apelo emocional e moral da população paraibana. Os jornais captam a atenção dos seus leitores e, ao mesmo tempo, provocam situações perversas; entretêm e ao mesmo tempo chocam. O choque leva, por vezes, a situações de referência, vitimização ou de indiferença. O crime, observado por sua característica mercadológica, acaba sendo mais lucrativo trazendo essas histórias de crime, dor e sangue em que se envolveram os ciganos.

REFERENCIAS

ARAÚJO, Fátima. Paraíba: Imprensa e vida. 2ª Ed. Campina Grande: Grafset, 1986.

_____. História e ideologia da Imprensa na Paraíba. Secretaria de educação e Cultura, 1983.

CERTEAU, Michael de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CHARTIER, Roger. A História Cultural. Entre práticas e representações. 2 ed. Difel, 2002.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tânia Regina de. (org.) História da Imprensa no Brasil. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MOTA, Ático Vilas-Boas. Ciganos – Antologia de Ensaio. Brasília: Thesaurus, 2004.

MOONEN, Frans. Aticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil. Juiz de Fora: centro de Cultura Cigana, 2008.

PEREIRA, Cristina da Costa. Os ciganos ainda estão na estrada. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SILVA, Luciana Estevam da. Cidade e Violência: Campina Grande na década de 1980 e as representações do “Mão Branca” nos jornais. Campina Grande, 2010. Dissertação de Mestrado.

JORNAIS ESCRITOS:

Diário da Borborema, abr. maio e dez. de 1980.

_____, set. de 1982.

_____, nov. de 1983.

Jornal da Paraíba, jan. a dez. de 1980.

_____, jan. a dez. de 1981.

_____, set. a dez. de 1982.

